

QUEM É QUEM

No Setor Segurador em Portugal 2020



O Jornal Económico

portantes na rentabilidade, em vários sectores de actividade. É importante mencionar que as dificuldades com que as empresas se estão a confrontar e que vão viver nas próximas semanas, poderão ser mitigadas com o esforço que os governos de todos os países afectados estão a fazer, bem como de outras instâncias internacionais que, no seu conjunto, estão a adoptar medidas extraordinárias de apoio às empresas, que visam apoiar a oferta e a procura, com vista a podermos ultrapassar com a máxima rapidez este momento de excepção.”



Pedro Rego
CEO da F. REGO

“Neste momento, e como não poderia deixar de ser, as pandemias são o tema que está na ordem do dia, relegando todos os demais para segundo plano. Este risco apanhou o mercado desprevenido, pois não existe uma oferta real que proteja famílias e empresas do impacto económico que esta realidade trará, nomeadamente com os danos decorrentes da paralisação generalizada da actividade económica. Obviamente que este não é o único risco, existindo outros que nos últimos anos ganharam particular relevo, destacando-se os que são provocados pela disrupção, tanto no domínio da tecnologia, como no comportamento dos consumidores, como são os riscos cibernéticos e ambientais. Se as oscilações económicas e financeiras ocuparam sempre boa parte das preocupações dos gestores, os novos riscos, que surgem de fora do sector vieram imprimir uma velocidade acelerada ao ritmo destas transformações.

O sector segurador tem demonstrado uma enorme resiliência e capacidade de adaptação a estas mutações e estou seguro de que ultrapassará, com responsabilidade social e esforço de todos os agentes este novo desafio”.

(Sobre pandemias e alterações climáticas) temos que destacar claramente os dois riscos bem como a resposta que a indústria seguradora tem para cada um deles. Se no caso das pandemias, não existem, infelizmente, e de momento, soluções no mercado (excetuando casos muito particulares), já quanto aos riscos ambientais e alterações climáticas o mercado tem respondido adequadamente, nomeadamente com as soluções propostas para cobertura de danos patrimoniais e pessoais. Importa ressaltar, contudo, que no que às pandemias diz respeito, e tomando como exemplo o Covid-19, o mercado respondeu de forma ágil, conscienciosa e solidária aos danos pessoais. Por exemplo, ajustou de forma automática o âmbito das apólices de acidentes de trabalho ao teletrabalho e, no caso dos seguros de saúde, participou os testes e consultas de diagnóstico. Já quanto aos seguros de vida, o sector já esclareceu que não existem limitações ou exclusões que possam ser invocadas por via das pandemias. A sociedade tem presente a insubstituível e relevante função socioeconómica dos seguros, designadamente a função de mitigação e gestão dos riscos através da transferência de riscos aos quais a vida humana e as actividades económicas estão expostas. Naturalmente que o agravamento dos custos suportados pela indústria seguradora, seja ao nível do seguro direto, seja ao nível do resseguro, têm levado a um ajuste técnico por parte do mercado, imprescindível para manter o equilíbrio financeiro e a solidez que sempre caracterizou o sector segurador. (Por outro lado) não temos qualquer dúvida sobre a solidez financeira e solvência do sector segurador, tanto em Portugal como nos restantes países, que apresenta rácios invejáveis e sem paralelo com outros actores do sector financeiro. Está bem demonstrada a resiliência e capacidade de cumprimento dos seus compromissos como foi testemunho a última crise financeira, não sendo a actual circunstância, cujo impacto é ainda desconhecido, diferente. É do conhecimento geral que a pandemia causada pelo vírus Covid-19, que já afeta mais de 140

países, tem causado um grande impacto e perdas nas economias mundiais. Estas perdas financeiras poderão atingir valores astronómicos. Neste momento é ainda cedo para estimar o impacto financeiro do risco, sendo que seguramente será elevado devido à redução súbita e acentuada da actividade económica mundial.”



Maria Celeste Hagatong
Chairman da COSEC

“Neste momento, todas as atenções estão centradas na pandemia Covid-19 e nas suas consequências na saúde pública e na actividade económica. Esse é o principal risco que todos identificamos. A par deste, registouse, há dias, uma quebra brutal do preço do petróleo. Em conjunto, estes dois acontecimentos conduziram a uma queda abrupta e significativa e a uma grande volatilidade nos principais mercados financeiros. No que respeita ao impacto da Covid-19, a principal preocupação na perspectiva da actividade da COSEC está relacionada com o facto de o centro atual da pandemia estar na Europa, onde se encontram os principais países de destino das exportações portuguesas. Portanto, a maior preocupação dos vários países europeus afetados por este fenómeno é não desarticular a estrutura empresarial dos mesmos, estando neste momento, na maioria dos casos, a atuar com medidas públicas, coordenadas com bancos e seguradoras, para apoio aos negócios (diferimento de pagamento de impostos, linhas de crédito com garantia pública, etc.) e também para apoio ao pagamento de salários e compensações aos trabalhadores que se veem obrigados, por razões de saúde pública, a manterem-se nas suas residências.

O recente fecho das fronteiras, verificado em grande parte dos países, vai ter um impacto muito significativo nas economias em